


VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA ETNOBOTÂNICA NA PRESERVAÇÃO CULTURAL NO FORTALECIMENTO DAS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS LOCAIS

VALUING TRADITIONAL KNOWLEDGE: CONTRIBUTIONS OF ETHNOBOTANY TO CULTURAL PRESERVATION AND THE STRENGTHENING OF LOCAL SUSTAINABLE PRACTICES

VALORACIÓN DEL CONOCIMIENTO TRADICIONAL: CONTRIBUCIONES DE LA ETNOBOTÁNICA A LA PRESERVACIÓN CULTURAL Y AL FORTALECIMIENTO DE PRÁCTICAS LOCALES SOSTENIBLES

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-292>

Data de submissão: 24/11/2025

Data de publicação: 24/12/2025

Divalnia Maria da Silva Oliveira

Mestre em Ensino Profissional de Ciências
Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: divalnia.oliveira@educacao.mg.gov.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9622-9090>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1174355686889427>

Jacqueslayne de Oliveira Chaves

Doutoranda em Educação
Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: jacqueslayne.chaves@aluno.ufop.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1611-5784>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7442147221194956>

Ana Carolina Gomes Miranda

Doutorado em Educação em Ciências
Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: ana.miranda@ufop.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6675-6033>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3216449144279833>

RESUMO

A Etnobotânica, como campo de estudo, dedica-se à compreensão do conhecimento local sobre a flora de uma determinada área, valorizando as experiências e os saberes dos indivíduos que mantêm um vínculo direto com o uso das plantas e os elementos culturais associados a essas práticas. Este estudo etnobotânico foi realizado no distrito de Palmital dos Carvalhos, Minas Gerais, com o objetivo de explorar o uso de plantas por uma comunidade de 2172 habitantes. O foco recaiu sobre as práticas culturais, econômicas e ambientais relacionadas ao uso de plantas, incluindo espécies convencionais, não convencionais e medicinais. Participaram da pesquisa 41 moradores de diversas faixas etárias, e os métodos incluíram observação participante, gravações orais, fotografia e questionários. Foram identificadas 38 espécies alimentícias convencionais e 24 não convencionais, além de 123 espécies fitoterápicas, predominando as famílias Asteraceae e Lamiaceae. A maioria das plantas medicinais são usadas em chás, com as folhas sendo as partes mais utilizadas. O estudo destaca o profundo

conhecimento etnobotânico da comunidade e a transmissão de saberes entre gerações, refletindo a identidade cultural local e contribuindo para o entendimento da biodiversidade e das interações humanas com a natureza na região.

Palavras-chave: Etnobotânica. Conhecimentos Tradicionais. Práticas Sustentáveis.

ABSTRACT

Ethnobotany, as a field of study, is dedicated to understanding local knowledge about the flora of a given area, valuing the experiences and knowledge of individuals who maintain a direct link with the use of plants and the cultural elements associated with these practices. This ethnobotanical study was conducted in the district of Palmital dos Carvalhos, Minas Gerais, with the aim of exploring the use of plants by a community of 2172 inhabitants. The focus was on cultural, economic, and environmental practices related to plant use, including conventional, unconventional, and medicinal species. Forty-one residents of various age groups participated in the research, and the methods included participant observation, oral recordings, photography, and questionnaires. Thirty-eight conventional food species and 24 unconventional species were identified, in addition to 123 phytotherapeutic species, predominantly from the Asteraceae and Lamiaceae families. Most medicinal plants are used in teas, with the leaves being the most commonly used parts. This study highlights the community's profound ethnobotanical knowledge and the transmission of knowledge between generations, reflecting the local cultural identity and contributing to the understanding of biodiversity and human interactions with nature in the region.

Keywords: Ethnobotany. Traditional Knowledge. Sustainable Practices.

RESUMEN

La etnobotánica, como campo de estudio, se dedica a comprender el conocimiento local sobre la flora de un área determinada, valorando las experiencias y el conocimiento de las personas que mantienen un vínculo directo con el uso de las plantas y los elementos culturales asociados a estas prácticas. Este estudio etnobotánico se realizó en el distrito de Palmital dos Carvalhos, Minas Gerais, con el objetivo de explorar el uso de las plantas por una comunidad de 2172 habitantes. El enfoque se centró en las prácticas culturales, económicas y ambientales relacionadas con el uso de las plantas, incluyendo especies convencionales, no convencionales y medicinales. Cuarenta y un residentes de diversos grupos de edad participaron en la investigación, y los métodos incluyeron observación participante, grabaciones orales, fotografía y cuestionarios. Se identificaron treinta y ocho especies de alimentos convencionales y 24 especies no convencionales, además de 123 especies fitoterapéuticas, predominantemente de las familias Asteraceae y Lamiaceae. La mayoría de las plantas medicinales se utilizan en té, siendo las hojas las partes más comúnmente utilizadas. Este estudio destaca el profundo conocimiento etnobotánico de la comunidad y su transmisión intergeneracional, lo que refleja la identidad cultural local y contribuye a la comprensión de la biodiversidad y las interacciones humanas con la naturaleza en la región.

Palabras clave: Etnobotánica. Conocimientos Tradicionales. Prácticas Sostenibles.

1 INTRODUÇÃO

A valorização dos conhecimentos tradicionais, especialmente aqueles relacionados ao uso e manejo das plantas, é fundamental tanto para a preservação cultural quanto para o fortalecimento de práticas sustentáveis no território. Esses saberes, transmitidos cuidadosamente entre gerações, orientam modos de cuidar da saúde, manejar a biodiversidade e organizar o trabalho agrícola, constituindo um patrimônio cultural e biológico de alto valor para as comunidades que os mantêm vivos (AMOROZO; GÉLY, 1988; ALBUQUERQUE, 2022). Em um contexto marcado pela modernização acelerada, pela perda de espécies nativas e pela homogeneização de modos de vida, compreender como esses conhecimentos se estruturam, se adaptam e se transformam torna-se ainda mais urgente.

É nesse cenário que a etnobotânica se destaca como um campo interdisciplinar dedicado ao estudo das relações entre seres humanos e plantas, articulando dimensões ecológicas, simbólicas, culturais e econômicas (ALCORN, 1995; BERG, 1993; TUXILL; NABHAN, 2001). No Brasil, país reconhecido por sua diversidade sociocultural e biológica, pesquisas etnobotânicas têm mostrado o papel dos quintais produtivos, da agricultura familiar e das práticas fitoterápicas como espaços privilegiados para a manutenção da agrobiodiversidade e para a transmissão de saberes locais (AMOROZO, 1996; PINTO; AMOROZO, 2006).

Ao mesmo tempo, transformações contemporâneas, como a expansão de insumos industrializados, o avanço de cultivos híbridos e transgênicos e a globalização de hábitos alimentares vêm tensionando práticas tradicionais de cultivo, de seleção de sementes e de cuidado com plantas medicinais (OGLIARI; ALVES, 2007; CARPENTIERI-PÍPOLO *et al.*, 2010). Essas mudanças podem favorecer processos de erosão genética, enfraquecimento da agricultura familiar e redução da transmissão intergeracional de saberes (BALICK, 2005). Diante disso, compreender contextos em que tais conhecimentos ainda persistem torna-se estratégico para identificar tanto as forças que sustentam sua continuidade quanto as ameaças que colocam sua permanência em risco.

A escolha do distrito de Palmital dos Carvalhos, no município de Senhora dos Remédios (MG), se justifica justamente por esse motivo. Trata-se de um território no qual os saberes etnobotânicos seguem socialmente ativos e culturalmente presentes, mesmo atravessados por transformações socioculturais que desafiam sua continuidade. Investigar essa realidade permite compreender como esses conhecimentos vêm sendo preservados, reinterpretados ou tensionados diante das condições contemporâneas que afetam a agricultura familiar, o uso de plantas medicinais e a conservação da biodiversidade local.

Assim, este estudo busca contribuir para a valorização desse patrimônio imaterial e para a construção de estratégias que fortaleçam práticas sustentáveis alinhadas às especificidades da comunidade.

Diante desse cenário, o objetivo da pesquisa é analisar de que maneira os conhecimentos tradicionais relacionados ao uso de plantas no distrito de Palmital dos Carvalhos colaboram para a preservação cultural e para o fortalecimento de práticas sustentáveis locais. Ao adotar a etnobotânica como referencial teórico-metodológico, pretende-se compreender como esses saberes articulam dimensões culturais, ambientais e socioeconômicas, evidenciando sua relevância para a manutenção da biodiversidade, a segurança alimentar e a identidade sociocultural da comunidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conhecimento sobre as plantas acompanha a história humana desde seus primórdios. Antes mesmo de existir qualquer sistematização científica, já era necessário distinguir quais espécies eram seguras para o consumo, que tinham efeitos medicinais e quais ofereciam riscos à saúde (CHASSOT, 2001). Essa relação direta com a natureza, marcada pela observação, pela experimentação e pela transmissão oral, foi essencial para a sobrevivência dos grupos humanos, que buscavam nas plantas materiais para alimentação, abrigo, vestuário e cura (MARTELLI; CARVALHO, 2019). Em muitas populações tradicionais, esse saber permanece vivo: mesmo sem nomear formalmente a “Botânica”, essas comunidades reconhecem, classificam e utilizam centenas de espécies, revelando um conhecimento profundamente enraizado no cotidiano (WENT, 1968).

É nesse diálogo entre humanos e plantas que surge a etnobotânica, campo interdisciplinar que busca compreender como diferentes povos percebem, utilizam e manejam os recursos vegetais. Mais do que catalogar espécies, a etnobotânica investiga significados, práticas, valores culturais e modos de vida (ALCORN, 1995; TUXILL; NABHAN, 2001). No Brasil, marcado por sua enorme diversidade sociocultural e biológica, estudos etnobotânicos têm evidenciado a força dos quintais produtivos, da agricultura familiar e das práticas fitoterápicas como espaços de preservação da agrobiodiversidade e de transmissão de saberes (AMOROZO, 1996; PINTO; AMOROZO, 2006).

Entretanto, práticas tradicionais de cultivo e uso das plantas têm sido tensionadas por transformações contemporâneas, como a difusão de insumos industrializados, o avanço de cultivos híbridos e transgênicos e a globalização de hábitos alimentares (OGLIARI; ALVES, 2007; CARPENTIERI-PÍPOLO *et al.*, 2010). Tais mudanças fragilizam a transmissão intergeracional de saberes, reduzem a diversidade genética e afetam diretamente a agricultura familiar — um dos pilares da base alimentar e cultural de inúmeras comunidades (BALICK, 2005). Para dimensionar a

gravidade dessas rupturas, é importante reconhecer que esses conhecimentos não surgiram de forma recente: eles se enraízam em uma longa trajetória histórica que conecta grupos humanos e plantas ao longo de milênios.

Desde seus primórdios, a humanidade dependeu da observação cuidadosa da natureza para sobreviver. Antes mesmo da ciência formal, já era necessário distinguir plantas comestíveis, tóxicas ou medicinais e compreender seus usos práticos — um aprendizado transmitido entre gerações e fundamental para a manutenção da vida (CHASSOT, 2001). Ao longo do tempo, plantas se tornaram fonte de abrigo, alimento, cura e organização social, compondo um patrimônio de saberes especialmente vivo em comunidades que mantêm relações estreitas com o ambiente (MARTELLI; CARVALHO, 2019; WENT, 1968).

É nesse contexto que emerge a etnobotânica, campo interdisciplinar dedicado a compreender como diferentes povos percebem, classificam, nomeiam, utilizam e manejam os recursos vegetais. Mais do que uma área da Biologia, a etnobotânica se estabelece como ponte entre dimensões ecológicas, culturais, simbólicas e econômicas, articulando conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais (ALCORN, 1995; TUXILL; NABHAN, 2001). No Brasil, marcado simultaneamente pela biodiversidade e pela diversidade sociocultural, ela tem sido fundamental para revelar a importância dos quintais produtivos, da agricultura familiar, da fitoterapia e de práticas agrícolas tradicionais como espaços de manutenção da agrobiodiversidade e de transmissão de saberes (AMOROZO, 1996; PINTO; AMOROZO, 2006).

Embora esses conhecimentos tenham se desenvolvido desde períodos remotos, acompanhando a evolução humana desde o paleolítico e neolítico, suas bases permanecem vivas em práticas contemporâneas. Povos antigos, como hominídeos, pitecantropos e sinantropos, já distinguiam plantas comestíveis, venenosas e terapêuticas, movidos pela observação e pela experiência, não muito diferente do modo como animais instintivamente recorrem às plantas para se purgar (RUDDER, 2002). Esse saber, portanto, antecede a ciência formal e constitui uma das primeiras formas humanas de leitura do mundo natural.

Conforme sociedades sedentárias se consolidaram e a agricultura passou a ser uma prática contínua, surgiram as primeiras interações sistemáticas entre humanos e plantas. No Oriente Médio, há cerca de 10 mil anos, os grupos neolíticos descobriram que certos grãos colhidos poderiam ser replantados, proporcionando maior rendimento nas safras seguintes, um marco decisivo na relação entre natureza, cultura e alimentação (WENT, 1968). Esses processos configuram as bases para a formação dos conhecimentos que, mais tarde, dariam origem às pesquisas etnobotânicas.

Hoje, a etnobotânica se afirma como uma área que preserva, documenta e analisa saberes locais, atuando como mediadora entre conhecimentos acadêmicos e práticas tradicionais. Sua função vai além do registro: envolve o reconhecimento de que tais saberes são patrimônio cultural e ecológico fundamental, construído nas relações das comunidades com os ecossistemas que habitam (MEYER *et al.*, 2012). Não por acaso, a área se consolidou como campo eminentemente interdisciplinar, dialogando com a Antropologia, Ecologia, Botânica e outras áreas, mas ainda em constante reflexão sobre seus enquadramentos epistemológicos, teóricos e metodológicos (ALBUQUERQUE, 2022).

Apesar de sua relevância, a etnobotânica enfrenta desafios. Hamilton e colaboradores (2003) destacam que, em muitos contextos, ainda há fragilidade na formação especializada e falta de rigor no ensino da área. A valorização profissional e científica da etnobotânica depende, em grande medida, da oferta de cursos, formação continuada e incentivo à pesquisa, sobretudo em países em desenvolvimento, onde a diversidade sociocultural e biológica oferece campo fértil para investigações.

No Brasil, a etnobotânica se desenvolve em meio a uma paisagem cultural e ambiental complexa, permeada por práticas tradicionais de manejo e por plantas de alto potencial econômico, medicinal e alimentar. As pesquisas realizadas no país revelam um patrimônio etnobotânico expressivo, mas também mostram que suas raízes históricas foram, inicialmente, marcadas pela forte presença de pesquisadores estrangeiros, especialmente ingleses e norte-americanos, que estudaram majoritariamente povos indígenas (ALBUQUERQUE, 2022).

Com o tempo, a área ampliou seu foco, passando a investigar as relações entre humanos e plantas de forma mais abrangente: como diferentes grupos percebem e classificam espécies, como organizam o uso e o manejo dos recursos vegetais, como influenciam a diversidade genética e quais as implicações biológicas e culturais dessas práticas (ALBUQUERQUE, 2022). Esse movimento culminou, em 1988, no I Congresso Internacional de Etnobiologia e na “Declaração de Belém”, que reconhece a profunda interdependência entre diversidade biológica e diversidade cultural. A declaração deixou explícito que preservar culturas tradicionais significa também preservar ecossistemas, consolidando um marco ético e político para a área.

Desde então, observa-se um crescimento significativo de publicações etnobotânicas (OLIVEIRA *et al.*, 2009; SILVA *et al.*, 2018), abrangendo temas diversos: plantas medicinais, sistemas agroflorestais, domesticação de espécies, usos mágicos e simbólicos, etnociência urbana e práticas agrícolas tradicionais. A etnobotânica brasileira evoluiu de um campo voltado apenas aos povos indígenas para uma perspectiva plural, que inclui populações rurais, quilombolas, ribeirinhas,

periféricas e urbanas, reconhecendo que o conhecimento sobre plantas não é exclusivo de comunidades tradicionais, mas se manifesta em múltiplos contextos (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Independentemente do cenário, o que atravessa essas pesquisas é o reconhecimento de que saberes tradicionais, acumulados ao longo de séculos são centrais para a conservação da biodiversidade, para a segurança alimentar e para a construção de práticas mais sustentáveis. Nesse sentido, a etnobotânica constitui não apenas um campo científico, mas uma defesa da memória, da cultura e da relação profunda entre os seres humanos e o mundo vegetal.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, descritiva e exploratória, conduzida com o intuito de compreender de forma integrada as dimensões culturais, ecológicas e sociais que estruturam os saberes etnobotânicos da comunidade investigada. A opção por um estudo quali-quantitativo decorre da natureza complexa dos conhecimentos tradicionais, que envolvem tanto elementos subjetivos, significados, memórias, valores e modos de transmissão, quanto elementos objetivos, número de espécies, frequência de uso, categorias funcionais e perfis dos participantes.

A abordagem qualitativa permitiu acessar narrativas, práticas e sentidos atribuídos às plantas, valorizando as experiências dos moradores e a forma como constroem e compartilham seu conhecimento. Já o componente quantitativo se apoiou em procedimentos de estatística descritiva, utilizados para organizar e analisar informações numéricas relacionadas às espécies mencionadas, às categorias de uso e às características socioeconômicas do grupo.

Não foram empregados testes estatísticos inferenciais, pois o objetivo não foi estabelecer relações de causa e efeito, mas descrever tendências, compreender padrões socioculturais e mapear a distribuição dos saberes no território, estratégia metodológica amplamente consolidada na literatura etnobotânica contemporânea (AMOROZO, 1996; ALBUQUERQUE, 2022; HANAZAKI, 2003).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL E DO PÚBLICO-ALVO

A investigação foi realizada no distrito de Palmital dos Carvalhos, pertencente ao município de Senhora dos Remédios, Minas Gerais. Trata-se de um território rural marcado pela agricultura familiar, pela presença expressiva de quintais produtivos e pela continuidade de saberes tradicionais associados ao manejo de plantas alimentícias e medicinais. A escolha dessa comunidade decorre exatamente dessa vitalidade sociocultural: trata-se de um contexto em que os conhecimentos locais

permanecem ativos e articulados ao cotidiano, apesar das transformações recentes que impactam o mundo rural.

Palmital dos Carvalhos está situado na mesorregião Campos das Vertentes (MG) e possui, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde, 2.172 habitantes. O nome do distrito guarda a memória de seus elementos identitários: “Palmital” remete à presença histórica de extensos agregados de palmeiras nativas utilizadas para extração de palmito, enquanto “Carvalhos” faz referência ao sobrenome dos primeiros moradores da localidade. O território, portanto, expressa em seu próprio nome a relação entre natureza e história comunitária.

O bioma predominante é a Mata Atlântica (IBGE, 2019), onde a palmeira juçara (*Euterpe edulis Martius*) é nativa e considerada espécie emblemática. Registros da vegetação original indicam que, no passado, a juçara era abundante na região; no entanto, a exploração predatória para obtenção de palmito e o avanço do desmatamento contribuíram para sua redução acentuada. Em consequência, a espécie foi incluída na Lista Oficial da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2008).

A juçara desempenha papel ecológico crucial na Mata Atlântica: leva de oito a doze anos para atingir a maturidade reprodutiva e fornece alimento para pelo menos 48 espécies de aves e 20 de mamíferos, responsáveis pela dispersão de suas sementes (FAPESP, 2017). Esse processo é fundamental porque a regeneração da floresta depende da frugivoria, etapa ecológica que determina a dinâmica de composição vegetal e influencia diretamente a riqueza de espécies na comunidade. Preservar a juçara, portanto, significa também preservar toda a rede ecológica que dela depende.

Participaram da pesquisa 41 moradores, selecionados por amostragem aleatória simples, com idades entre 18 e 89 anos. O grupo reuniu diferentes níveis de envolvimento com práticas agrícolas, uso de plantas medicinais, manejo de quintais e conservação de variedades crioulas. Essa heterogeneidade foi fundamental para identificar padrões de transmissão dos saberes e compreender possíveis tensões geracionais relacionadas ao cultivo, ao uso e ao conhecimento das espécies locais.

3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada entre 2023 e 2024 e integrou diferentes técnicas de investigação, de modo a captar tanto a dimensão cultural dos saberes quanto a materialidade das espécies utilizadas pela comunidade. Foram empregadas observação participante, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e a aplicação de um questionário estruturado. A triangulação dessas estratégias permitiu acompanhar práticas cotidianas, acessar narrativas sobre o uso das plantas e sistematizar informações que ajudaram a compreender a dinâmica local dos saberes etnobotânicos.

O questionário foi elaborado para reunir informações sobre o perfil socioeconômico dos moradores, suas práticas agrícolas, as espécies alimentícias e medicinais utilizadas, as formas de preparo mais comuns e as fontes de aprendizagem associadas ao conhecimento tradicional. A opção por incluir questões fechadas e abertas possibilitou integrar dados quantitativos e qualitativos, ampliando o alcance analítico da investigação.

As espécies mencionadas durante as entrevistas e observações foram registradas fotograficamente em diferentes ambientes, quintais, roças, margens de estradas e fragmentos de vegetação nativa. Quando pertinente, exemplares foram coletados e herborizados para fins de confirmação taxonômica. A identificação das espécies foi conduzida por meio de chaves taxonômicas, comparação com exsicatas disponíveis no portal TROPICOS.ORG (Missouri Botanical Garden) e consulta a bases especializadas, como o DATAPLAMT, o Banco de Dados de Plantas Medicinais da UFSC e o Catalogue of Life.

Os dados quantitativos foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados por meio de estatística descritiva, considerando frequência de citação das espécies, partes utilizadas, formas de uso e outras categorias pertinentes. Os dados qualitativos foram examinados por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2011) o que possibilitou identificar categorias emergentes relacionadas aos saberes, às práticas tradicionais, às percepções de uso e às conexões estabelecidas entre plantas, território e modos de vida.

Toda a pesquisa foi conduzida em conformidade com as normas éticas para estudos envolvendo seres humanos. Os participantes foram informados sobre os objetivos, procedimentos e possíveis implicações da pesquisa, assegurando-se o consentimento livre e esclarecido, a confidencialidade das informações e o anonimato nas etapas de divulgação dos resultados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição responsável, e todos os moradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de sua participação.

4 RESULTADOS

4.1 LEVANTAMENTO SOCIOCULTURAL E SOCIOECONÔMICO

A pesquisa conduzida em Palmital dos Carvalhos entrevistou 41 moradores, representando 5,30% da população local, com uma distribuição quase igual entre mulheres (51%) e homens (49%). Todos os participantes são adultos, com uma menor representação na faixa etária de 70 a 79 anos, o que corresponde a 12,20% dos entrevistados. O estudo coletou informações detalhadas sobre variáveis socioeconômicas, incluindo nível de escolaridade, renda mensal, número de pessoas por

residência, profissão, tempo de residência no local, posse do imóvel, e explorou conhecimentos tradicionais relacionados às plantas.

Os resultados mostraram que todos os participantes moram em casas próprias na zona urbana, com 54% deles sendo residentes de longa data em Palmital. A distribuição do tempo de residência varia, com alguns moradores vivendo na região há mais de 50 anos, enquanto outros há menos de uma década.

Em termos de educação, a maioria dos entrevistados possui apenas o Ensino Fundamental I incompleto (36,58%), seguido por aqueles que completaram este nível de ensino. Uma minoria possui formação superior. A maioria dos entrevistados trabalha na agricultura (73%), refletindo a predominância desta atividade na economia local, com outros ocupando posições como professores, esteticistas e mecânicos.

A análise de renda revelou que 43,9% dos entrevistados têm uma renda familiar equivalente a dois salários-mínimos, enquanto outros vivem com rendimentos variados, incluindo alguns sem renda fixa. Os arranjos de meeiros são comuns, com acordos geralmente verbais. A composição familiar dos entrevistados varia de duas a sete pessoas por domicílio, com quase metade vivendo apenas com mais uma pessoa.

4.2 CONHECIMENTOS TRADICIONAIS, CULTIVO E DIVERSIDADE AGRÍCOLA LOCAL

O estudo revelou forte integração entre práticas agrícolas e saberes tradicionais. Dos 41 participantes, 97,56% afirmaram cultivar plantas para consumo próprio, seja em quintais, roças ou ambos. Apenas um morador declarou não cultivar nenhuma espécie.

As famílias mantêm hortas domésticas, árvores frutíferas e pequenas áreas produtivas destinadas ao autoconsumo e, em alguns casos, à comercialização de excedentes. As hortaliças ocupam posição central no cultivo local, reforçando a importância da agricultura de subsistência no distrito.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, a base alimentar da comunidade concentra-se no plantio de milho, arroz, feijão e uma variedade expressiva de olerícolas. As espécies mais citadas incluem couve (39), cebolinha (38), jabuticaba (22), laranja (21), limão (18), milho (18), salsinha (15), tangerina (13), alface (13) e quiabo (13). Também se destacam frutíferas como manga (7), mandioca (7), acerola (7), além de hortaliças e plantas de uso culinário presentes nos quintais.

Tabela 1 – Tipos de plantas cultivadas pelos moradores do Distrito de Palmital dos Carvalhos (MG)

Nome popular das plantas alimentícias	Nome científico	Família	N. de citações
Abóbora italiana	Cucurbita pepo	Cucurbitaceas	5
Abóbora moranga	Curcubita maxima	Cucurbitaceas	2
Acerola	Malpighia emarginata	Malpighiaceae	7
Alface	Lactuca sativa	Asteraceae	13
Almeirão	Cichorium intybus	Asteraceae	2
Ameixa do campo	Eriobotrya japonica	Rosaceae	2
Arroz	Oryza sativa	Poaceae	3
Bananeiras	Musa spp.	Musaceae	5
Batata doce	Ipomoea batatas	Convolvulaceas	4
Batata inglesa	Solanum tuberosum	Solanaceae	1
Berinjela	Solanum melongena	Solanaceae	3
Beterraba	Beta vulgaris esculenta	Amaranthaceae	2
Café	Coffea sp	Rubiaceae	2
Cana de açúcar	Saccharum officinarum	Poaceae	6
Caqui	Diospyros kaki	Ebenaceae	1
Carambola	Averrhoa carambola	Oxalidaceae	2
Cebolinha	Allium schoenoprasum	Amaryllidaceae	38
Chuchu	Sechium edule	Cucurbitaceae	2
Couve	Brassica oleracea	Brassicaceae	39
Feijão	Phaseolus vulgaris	Fabaceae	10
Goiaba	Psidium guajava	Myrtaceae	1
Inhame	Colocasia esculenta	Araceae	2
Jaboticaba	Plinia trunciflora	Myrtaceae	22
Jiló	Solanum gilo Raddi	Solanaceae	8
Laranja	Citrus sinensis	Rutaceae	21
Limão	Citrus limon	Rutaceae	18
Mandioca	Manihot esculenta	Euphorbiaceae	7
Manga	Mangifera indica	Anarcadiaceae	7
Maracujá	Passiflora edulis	Passifloraceae	2
Milho	Zea mays	Poaceae	18
Nona	Morinda citrifolia	Rubiáceas	1
Pimentão	Capsicum annuum	Solanaceae	8
Quiabo	Abelmoschus esculentus	Malvaceae	13
Salsinha	Petroselinum crispum	Apiaceae	15
Taioba	Xanthosoma sagittifolium	Araceae	2
Tangerina	Citrus reticulata	Rutaceae	13
Tomate	Solanum lycopersicum	Solanaceae	8
Vagem	Phaseolus vulgaris	Fabaceae	4

Fonte: Elaborado pelo Próprio Autor

Entre as hortaliças folhosas, a couve é a mais frequente (95,12%), seguida por cebolinha (92,68%), salsinha (36,56%), alface (31,70%), taioba (17,07%) e almeirão (4,88%). Nas hortaliças-fruto, o quiabo (31,71%) foi o mais citado, seguido de tomate, pimentão, jiló, berinjela, abóboras e chuchu. No grupo das raízes e tubérculos, a mandioca é a principal (17,7%), seguida por batata-doce, beterraba e inhame.

Quanto aos grãos, o milho (43,90%) permaneceu como o mais cultivado, seguido pelo feijão (24,39%) e o arroz (7,32%). Embora o milho seja amplamente produzido, boa parte de sua colheita é destinada à produção de silagem para alimentação do gado. Entre as frutíferas, a jaboticabeira

(53,65%) foi a mais presente nos quintais, seguida pela laranjeira (51,2%), limoeiro (31,71%), tangerineira (27,9%), além de diversas outras espécies como manga, acerola, banana, maracujá, carambola e goiaba.

Esses resultados reforçam que a diversidade agrícola do distrito é ampla, plural e profundamente conectada à cultura alimentar local, sustentada por práticas tradicionais transmitidas ao longo de gerações.

4.3 LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS E FORMAS DE USO

O levantamento registrou 123 espécies medicinais, distribuídas em 50 famílias botânicas. As famílias com maior representatividade foram: Asteraceae com 16 (13%) citações, seguida por Lamiaceae com 15(12,20%) citações, Fabaceae (Leguminosae) sete (5,69%), Poaceae e Rutaceae 5(4,07%), Bignoniaceae e Solanaceae com quatro citações (3,25%), Apiaceae, Boraginaceae, Lauraceae, Malvaceae, Myrtaceae com três espécies (2,44%), Anacardiaceae, Annonaceae, Brassicaceae, Bromeliaceae, Bromeliaceae, Crassulaceae, Cucurbitaceae, Euphorbiaceae, Lythraceae, Moraceae, Passifloraceae, Rubiaceae, Urticaceae, Verbenaceae, Zingiberaceae com duas espécies (1,63%). As famílias Alismataceae, Amaranthaceae, Apocynaceae, Araceae, Aristolochiaceae, Cactaceae, Caricaceae, Convolvulaceae, Costaceae, Dilleniaceae, Equisetaceae, Liliaceae, Malpighiaceae, Melastomaceae, Mirtaceae, Phyllantaceae, Piperaceae, Plantaginaceae, Rosáceas, Smilacaceae, Tropaeolaceae, Violaceae, aparecem com apenas uma espécie cada (0,81%).

Tabela 2- Lista das plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados no distrito de Palmital dos Carvalhos

Nome popular	N. de citações	Nome científico	Parte utilizada	Forma de uso	Indicações fitoterápicas
Açafrão	5	Zingiberaceae Curcuma longa	R	Chá	Anti-inflamatório
Alcachofra	7	Asteraceae Gymnanthemum amygdalinum .	FO	Chá	Estômago e fígado (ressaca)
Agrião	5	Brassicaceae Nasturtium officinale	PLANTA TODA	Xarope	Estômago , gripe e bronquite
Alecrim	5	Lamiaceae Rosmarinus officinalis	C, FO	Chá	Calmante/coração
Alevante	11	Lamiaceae Mentha aquatica	C, FO	Chá	Gripe
Arruda	9	Rutaceae Ruta graveolens	FO	Chá Compr essa	Febre, gripe e dor de cabeça
Barbaço	6	Asteraceae Pterocaulon alopecuroides	FO	Chá Emplas to	Estômago Torção
Boldo	18	Lamiaceae Peumus boldus Molina	FO	Chá	Problemas no fígado (ressaca)

Camomila	11	Asteraceae <i>Matricaria chamomilla</i>	FO, FL	Chá	Calmante
Caninha do Brejo	6	Costaceae <i>Costus spicatus</i>	FO	Chá	Problema nos Rins
Capim cidreira	17	Poaceae <i>Cymbopogon citratus</i>	FO	Chá	Calmante
Chá cravo	7	Lamiaceae <i>Ocimum gratissimum</i>	FO	Chá	Gripe
Chapéu de couro	6	Alismataceae <i>Echinodorus grandiflorus</i>	FO	Chá	Problema nos rins
Chimanquinho	10	Lamiaceae. <i>Leonurus sibiricus</i>	PLANTA TODA	Chá	Problemas no Intestino e estômago
Chuchu	8	Cucurbitaceae <i>Sechium edule</i>	FO	Chá	Pressão alta
Erva cidreira de folha	5	Lamiaceae <i>Melissa officinalis</i>	FO	Chá	Calmante
Erva doce	8	Apiaceae <i>Pimpinella anisum</i> .	S	Chá	Calmante
Erva canuda	5	Lamiaceae <i>Hyptis pectinata</i>	FO	Maceração	Frieira
Erva -terrestre	5	Lamiaceae <i>Glechoma hederacea</i>	FO	Chá	Gripe
Funcho	12	Apiaceae <i>Foeniculum vulgare</i>	FO, S	Chá	Calmante/ antigases intestinais
Gengibre	10	Zingiberaceae <i>Zingiber officinalis</i>	R	Chá	Inflamação na garganta
Goiaba	5	Myrtaceae <i>Psidium guajava</i>	FO	Chá	Problemas intestinais/diarreia
Hortelã	31	Lamiaceae <i>Menta x villosa</i>	FO	Chá	Problemas estomacais
Laranja	14	Rutaceae <i>Citrus aurantium</i>	FO, FR, C	Chá	Gripe/Calmante
Limão	10	Rutaceae <i>Citrus x limon Osbeck</i>	FR	Chá	Gripe
Mamão	6	Caricaceae <i>Carica papaya</i>	FO	Chá	Gripe
Mamona	5	Euphorbiaceae <i>Ricinus communis</i>	S	Chá	Cicatrizante
Manjerição	6	Lamiaceae <i>Ocimum basilicum</i>	FO	Chá	Calmante
Melissa	5	Lamiaceae <i>Lippia alba</i>	FO, FL	Chá	Calmante/gripe
Mentrasito	17	Asteraceae <i>Ageratum conyzoides</i>	FO	Chá	Problemas estomacais/fígado
Panaceia	8	Solanaceae <i>Solanum cernuum</i>	IO	Chá	Depurativo
Picão	7	Asteraceae <i>Bidens pilosa</i>	R, C, FO	Chá	Problemas no fígado
Poeijo	8	Lamiaceae <i>Mentha pulegium</i>	FO	Chá	Gripe
Quebra-pedra	12	Phyllanthaceae <i>Phyllanthus tenellus</i>	PLANTA TODA	Chá	Problemas renais
Romã	6	Lythraceae <i>Punica granatum</i>	FO, FR	Chá	Infeção na garganta
São Caetano	6	Cucurbitaceae <i>Momordica charantia</i>	FO	Chá	Gripe/febre

Tançagem	8	Plantaginaceae Plantago major	PLANTA TODA	Chá	Anti-inflamatório
----------	---	----------------------------------	----------------	-----	-------------------

Fonte: Elaborado pelo Próprio Autor

Em relação às formas de obtenção das plantas medicinais, observou-se que a maioria dos moradores adquirem as espécies na horta e entorno (58,54%), (31,77%) adquiriu as plantas nos próprios quintais, e no mercado (9,69%). Quanto ao uso de plantas fitoterápicas o percentual de 100% dos moradores pesquisados já fez uso das plantas medicinais. Na questão abordada sobre como obteve o conhecimento do uso de plantas medicinais 53,66% responderam que obteve conhecimento pela mãe, 9,75% pelo pai, 7,32% pelo pai e mãe, 2,44% pelo pai, avô e mãe, 2,44% pelo avô, 2,44% passados de geração a geração, livros 2,44% as pessoas falam, 2,44% com os mais velhos, 2,44% com familiares e estudo, 2,44 % mãe e nutricionista.

Porquanto, neste estudo, a parte mais utilizada do vegetal foi folha (48,05%), seguida do caule ou casca do caule (13,64%), da raiz (12,34%), fruto (11,69%), semente (5,19%) e a flor (3,9%). Em algumas espécies, podem ser utilizadas todas as partes que a compõe (5,19%) como é o caso do agrião (*Nasturtium officinale*), chimanquinho (*Leonurus sibiricus*), erva-terrestre (*Glechoma hederacea*), funcho (*Foeniculum vulgare*), quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus*) e tançagem (*Plantago major*).

As principais formas de uso das plantas apresentam-se em: chás (decoção) (80,49%), há espécies que podem ser utilizadas em forma de chá e suco (2,44%), suco (2,44%), chá e emplasto (1,63%), emplastos (1,63%), xarope (1,63%), angú (0,81%), chá e banho (0,81%), chá e compressas (0,81%), chá e refogado (0,81%), chá e xarope (0,81%), compressa (0,81%), xarope e in natura (0,81%) inalação (0,81%), in natura (0,81%), pó e in natura (0,81%), suco e emplasto (0,81%), óleo (0,81%) e uso externo (0,81%) (neste caso é feito um cordão com semente da fava de Santo Inácio, que é colocado no pescoço da criança como um cordão, em fase de desenvolvimento da dentição para amenizar a febre).

Em relação à forma de uso, observou-se que, as principais formas de uso das plantas medicinais foram por meio de chás (decoção), representando a maioria das citações (80,49%). No entanto, também foram identificadas outras formas de uso, como compressas, xaropes, refogados, inalações, banhos, maceração, emplastos, entre outras.

4.4 UTILIZAÇÃO DE PLANTAS TRANSGÊNICAS E PERDA DA BIODIVERSIDADE (SEMENTES CRIOULAS)

Os agricultores e agricultoras que conservam variedades crioulas de diferentes cultivos (variedades crioulas de milho, feijão, batata doce, arroz etc.) são considerados seus guardiões/ãs, estes

prestam um grande serviço à humanidade. No entanto, devido ao aumento de plantios de espécies híbridas, as espécies crioulas correm risco de extinção, causando uma perda inestimável de espécies de plantas (OGLIARI; ALVES, 2007).

Portanto, quando perguntado quais culturas corre risco de extinção na comunidade, o arroz se destaca entre as cultivares menos plantada ultimamente (23 citações), seguida pelo café e ora-pro-nóbis antigo (dez), o feijão (sete citações), milho antigo (sementes crioulas), a fava branca, o alho, (cinco), abóbora menina (quatro), a banana (três) a batata doce (uma citação).

Diante disso, observamos que entre os 41 participantes, 56,10% afirmaram que a cultura do arroz está à beira da extinção na comunidade com a diminuição do plantio, várias espécies de arroz já não são mais cultivadas na comunidade entre elas, o arroz baixinho, silva norte, arroz durão, arroz amarelinho e o arroz terra seca.

As espécies de milho antigos (sementes crioulas) também está entre as citadas como menos cultivadas (36,59%). As espécies (embora em menor quantidade que antigamente), ainda cultivadas são: o milho de sabugo fino (cara de velho) e o palha roxa. Essas são as espécies mais apreciadas pelos agricultores para consumo humano, contudo, de acordo com os participantes as diversas culturas, diminuíram muito nos últimos tempos. Muitas famílias deixaram de cultivar os “milhos antigos” e cultivam o milho híbrido porque este permite a utilização de herbicida próprio para esse tipo de cultivar, evitando o gasto com capina. Outro fator que estimula o plantio do milho híbrido é a crença de maior produtividade deste em relação ao milho comum.

Outra cultivar que também teve um declínio o longo dos anos, de acordo com os moradores, foi a cultura do feijão (*Phaseolus vulgaris*) (sete citações). As espécies de feijão considerada extinta entre os participantes são, feijão miúdo, feijão urubu, feijão cabrito, feijão pageca e feijão baetão. E as menos cultivadas atualmente é o feijão amendoim, feijão rim de boi e o feijão de corda. A fava branca é também uma espécie de feijão e aparece como uma das espécies de cultivo em risco de extinção com cinco citações (12,20%), nenhum dos participantes disse ter a fava branca cultivada.

Dentre as demais cultivares com risco de extinção está o café com 10 citações (24,39%), agrião d'água seis (14,63%), a fava branca e o alho cinco (12,20 %), abóbora menina quatro (9,76%), a banana três (7,32%), e apenas uma pessoa (2,44) disse que a cultura da batata doce diminui ao longo dos anos com antigamente era comum encontrar pés de café nos quintais em meio as árvores frutíferas, fato hoje bem incomum.

5 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos revelaram que Palmital dos Carvalhos constitui um território onde o conhecimento tradicional permanece vivo, atuante e profundamente inscrito na experiência cotidiana dos moradores. Para além de práticas isoladas, os saberes etnobotânicos configuram uma forma particular de relação com o ambiente, marcada pela memória, pela ancestralidade e pelo cuidado. Essa característica dialoga com Amorozo (1996), para quem o conhecimento tradicional só pode ser compreendido quando articulado aos modos de vida e às práticas socioculturais que lhe dão sentido.

A diversidade de plantas alimentícias e medicinais identificadas nesta pesquisa demonstraram que a comunidade preserva um repertório amplo e funcional de manejo da biodiversidade. Quintais, roças, hortas e áreas de vegetação nativa constituem espaços de produção e, simultaneamente, espaços educativos, nos quais saberes são construídos, partilhados e transmitidos entre gerações. Estudos etnobotânicos (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; PINTO *et al.*, 2006) destacam que os quintais são fundamentais para a preservação da cultura e das espécies — análise que se confirma na realidade observada.

Os dados referentes ao envolvimento dos moradores nas atividades agrícolas evidenciam a centralidade da agricultura familiar na organização da vida comunitária. Dos 41 participantes, 97,56% declararam cultivar plantas em quintais, roças ou em ambas as áreas, seja para o autoconsumo, seja para a comercialização de excedentes, o que reforça o papel dessa atividade como principal fonte de sustento ou complemento importante da renda familiar. À luz da definição de agricultura familiar presente na legislação brasileira, que a caracteriza como forma de produção em que a gestão e o trabalho são predominantemente realizados pela própria família e cuja renda provém majoritariamente do estabelecimento rural (BRASIL, 2006), a realidade de Palmital dos Carvalhos revela não apenas um arranjo produtivo, mas um modo de vida que articula segurança alimentar, permanência no território e preservação de conhecimentos sobre o manejo de espécies alimentícias convencionais, não convencionais e medicinais (ALBUQUERQUE, 2022).

Ao mesmo tempo, os resultados apontam para sinais de transição geracional: embora os jovens entre 18 e 29 anos representem 14,63% dos participantes e tenham sido socializados em contextos de forte tradição agrícola, parte deles tem buscado inserção profissional fora da agricultura. Esse movimento sugere um processo de diversificação econômica na comunidade e indica que a continuidade dos saberes tradicionais não é automática, dependendo de condições materiais e simbólicas que tornem a agricultura uma possibilidade de futuro socialmente valorizada. Como argumenta Albuquerque (2022), a sustentabilidade desses conhecimentos demanda políticas e ações que reforcem a agricultura familiar como atividade viável e desejável, ao mesmo tempo em que

favoreçam a transmissão intergeracional dos saberes e o reconhecimento de seu papel estratégico na conservação da biodiversidade e na reprodução sociocultural das comunidades rurais.

Ao analisar a organização produtiva e a forma como as famílias estruturam seus espaços domésticos, observa-se um aspecto que contraria o apontado por Boog *et al.* (2008), embora muitos moradores atuem como meeiros, grande parte possui casas próprias fora dos terrenos arrendados. Essa condição garante a existência de quintais onde cultivam alimentos destinados ao autoconsumo e, em alguns casos, à geração de renda extra por meio da venda de excedentes. Além das espécies alimentícias, esses espaços abrigam plantas medicinais e ornamentais que compõem e embelezam os terreiros, consolidando-se como locais multifuncionais de produção, cuidado e socialidade. A participação das mulheres se destaca de maneira expressiva nessa dinâmica, sendo elas as principais responsáveis pela diversidade de espécies presentes nos quintais e pela manutenção dos saberes associados ao cultivo (PEDROSA, 2016).

No contexto local, verificou-se ainda que os homens, em geral, detêm maior conhecimento sobre as plantas das matas e seus locais de ocorrência, enquanto o manejo cotidiano das espécies cultivadas permanece sob responsabilidade das mulheres. Essa divisão de saberes expressa dimensões complementares do conhecimento tradicional e reafirma o papel feminino como guardião central dos recursos vegetais domésticos. Os quintais, portanto, funcionam como espaços de autonomia, criatividade e continuidade cultural — elementos destacados por Pedrosa (2016) e plenamente evidenciados na realidade de Palmital dos Carvalhos. No que diz respeito às plantas medicinais, o registro de 123 espécies, pertencentes a 50 famílias botânicas, reafirma a profundidade do conhecimento local e seu caráter intergeracional. A predominância de famílias como Asteraceae e Lamiaceae confirma tendências observadas em pesquisas etnobotânicas brasileiras (SILVA *et al.*, 2018), sugerindo que o uso dessas espécies resulta tanto de sua disponibilidade ecológica quanto da eficácia atribuída pelos moradores. A sabedoria compartilhada — muitas vezes aprendida com mães, avós e curadores locais — configura-se como um patrimônio imaterial que orienta práticas de cuidado e articula dimensões biológicas, espirituais e simbólicas da saúde.

Nesse conjunto de práticas, observa-se que o uso das plantas medicinais por esta comunidade não se restringe a seu aspecto curativo, mas integra modos de viver, cuidar e socializar que estruturam a vida comunitária. As formas de preparo, como chás, banhos, compressas, sucos, emplastos e aplicações externas, revelam domínio técnico e sensibilidade cultural, dialogando com conhecimentos transmitidos principalmente pelas mulheres, que desempenham papel central na mediação entre as plantas e a saúde familiar. Tais práticas também incorporam dimensões simbólicas, como o uso de sementes em amuletos infantis, indicando que a cura envolve tanto o corpo quanto

elementos espirituais e afetivos. Essa diversidade de saberes e usos, como discutido por Battisti *et al.* (2013), demonstra que o conhecimento etnobotânico da comunidade abrange perspectivas holísticas e integradas de cuidado.

A presença marcante de saberes entre os moradores mais velhos revela, entretanto, uma dinâmica de fragilização e transição. Tal como observado por Neto e Gomes (2018), o afastamento dos jovens de ocupações rurais e a maior inserção nas lógicas urbanas tendem a reduzir a continuidade dos conhecimentos tradicionais. Em Palmital dos Carvalhos, esse fenômeno não significa ruptura completa, mas indica a necessidade urgente de espaços comunitários e educacionais que reconheçam esses saberes como legítimos, relevantes e dignos de preservação. Como aponta Balick (2005), a erosão cultural não ocorre apenas pela perda de informação, mas pela substituição progressiva de modos de vida que sustentavam a transmissão do conhecimento.

Outro elemento significativo refere-se ao risco de extinção de variedades crioulas, entre elas arroz, milho e feijões tradicionais. A preferência crescente por cultivares híbridas, associada a “facilidades técnicas” — como o uso de herbicidas e a promessa de maior produtividade — Reflete uma mudança agrônômica, ao mesmo tempo em que evidencia transformações profundas no modelo de agricultura praticado. Carpentieri-Pípolo e colaboradores (2010) destacam que as variedades crioulas, além de sua superioridade sensorial e adaptabilidade local, representam memória genética, autonomia produtiva e resistência cultural. Sua perda, portanto, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno agrícola, mas como erosão de um patrimônio biocultural que integra história, identidade e modos de existir em comunidade.

Assim, os resultados mostram que, embora o conhecimento tradicional permaneça vigoroso em Palmital dos Carvalhos, ele convive com um conjunto de tensões contemporâneas — pressões de modernização agrícola, mudanças geracionais, fragilidade das práticas coletivas e riscos de homogeneização cultural. Tais tensões revelam que os saberes locais não estão ameaçados apenas pela perda de espécies, mas sobretudo pela transformação dos modos de vida que lhes dão sustentação. Nesse cenário, a etnobotânica assume papel central, não apenas por registrar espécies ou usos, mas por evidenciar as redes de relações humanas, afetivas e territoriais que sustentam esse patrimônio imaterial.

Palmital dos Carvalhos, portanto, emerge como um território exemplar da força das tradições e, ao mesmo tempo, das vulnerabilidades que as atravessam. A comunidade demonstra que preservar conhecimento tradicional não é somente garantir a permanência de plantas, sementes ou técnicas, mas cuidar de vínculos, memórias, gestos cotidianos e modos de existir que estruturam o tecido social.

Trata-se de uma compreensão ampliada de conservação: conservar não é apenas proteger a natureza, mas reafirmar as ecologias de saberes que tornam possível a vida no território.

Do ponto de vista epistemológico, esses resultados reafirmam que os saberes tradicionais constituem modos legítimos de produção de conhecimento — situados, relacionais e historicamente ancorados — que dialogam de forma crítica com os paradigmas científicos contemporâneos. Ao reconhecer as práticas etnobotânicas como formas complexas de leitura do mundo, o estudo contribui para o enfrentamento de hierarquias epistêmicas que historicamente marginalizaram conhecimentos populares e indígenas, aproximando-se de uma ciência mais plural, sensível e comprometida com a justiça cognitiva.

Humanamente, este trabalho evidencia que o conhecimento tradicional não pertence ao passado: ele é uma tecnologia social que permite imaginar futuros sustentáveis, culturalmente enraizados e ecologicamente responsáveis. Em Palmital, esse futuro se desenha nos quintais, nas conversas entre gerações, no cuidado diário com as plantas e na persistência de comunidades que, mesmo diante de transformações profundas, encontram na memória e na terra o horizonte possível para continuar existindo.

6 CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciam que Palmital dos Carvalhos constitui um território onde o conhecimento tradicional permanece vivo e dinamicamente entrelaçado às práticas cotidianas, revelando uma sofisticada relação entre pessoas, plantas e ambiente. A diversidade de espécies alimentícias e medicinais registradas, bem como a centralidade dos quintais e roças como espaços de transmissão e reinvenção de saberes, mostra que a comunidade mobiliza um repertório etnobotânico robusto, construído ao longo de gerações e ainda fundamental para sua organização social, econômica e simbólica.

Ao mesmo tempo, o estudo demonstra que esses saberes convivem com processos de mudança que tensionam sua continuidade: modernização agrícola, adoção crescente de cultivares híbridas, diminuição do cultivo de variedades crioulas e transformações geracionais que redefinem os horizontes de trabalho e futuro dos jovens. Essas dinâmicas revelam que a persistência do conhecimento tradicional não é garantida; ela depende de condições materiais, reconhecimento social e políticas públicas que valorizem a agricultura familiar, a sociobiodiversidade e a transmissão intergeracional de práticas e significados.

Do ponto de vista teórico-epistemológico, os achados reforçam a importância de compreender os saberes tradicionais como formas legítimas de produção de conhecimento, situadas, relacionais e

profundamente enraizadas no território. A etnobotânica, ao operar na interseção entre ciência acadêmica e ecologias de saberes locais, contribui para enfrentar hierarquias epistêmicas historicamente construídas, ampliando o campo científico e abrindo espaço para uma visão plural e intercultural dos modos de conhecer. Palmital dos Carvalhos evidencia, assim, que os saberes tradicionais não são resquícios de um passado estático, mas conhecimentos vivos, continuamente atualizados pelas práticas e afetos que organizam a vida comunitária.

Em termos práticos, este estudo aponta para a necessidade urgente de ações integradas que fortaleçam a autonomia produtiva da comunidade, garantam a conservação da agrobiodiversidade local e valorizem os espaços onde os saberes circulam, especialmente os quintais, hortas e roças, mas também escolas, associações e espaços comunitários. Estratégias de educação ambiental, fortalecimento da agroecologia, preservação de variedades crioulas e reconhecimento do papel das mulheres como guardiãs centrais dos saberes etnobotânicos são caminhos promissores para garantir que esse patrimônio imaterial continue a florescer.

Por fim, Palmital dos Carvalhos revela que preservar o conhecimento tradicional não significa apenas conservar plantas ou técnicas agrícolas, mas cuidar de memórias, vínculos, sensibilidades e modos de vida que sustentam toda uma comunidade. Ao ouvir essas vozes e registrar essas práticas, este trabalho reafirma que o futuro sustentável passa necessariamente pela valorização dos saberes que brotam da experiência, do território e das relações humanas, saberes que não apenas preservam a biodiversidade, mas também ampliam nossa compreensão do que significa viver bem em um mundo em transformação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. Aprendendo etnobiologia. 1.ed. – Recife, PE: Nupeea: Bauru, SP. 2022. 202 p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. 2005. Can apparency affect the use of plants by local people in tropical forests? *Interciencia*, v. 30, p. 506–511, 2005.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.16, n.3, p.273-285, 2002.
- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. von (Eds.). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Portland: Dioscorides Press, 1995. p. 23–39.
- ALEXIADES, M. N. Ethnobotany in the Third Millennium: expectations and unresolved issues. *Depinoa*, v. 45, p. 15–28, 2003.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. D. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996. p. 47-68
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica*, v.4, p.47-131, 1988.
- BALICK, M. J. Traditional Knowledge: Lessons from the Past, Lessons for the Future. 2005. Disponível em: <http://www.cyjack.com/cognition/Balick.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.
- BATTISTI, C.; GARLET, T.M.B.; ESSI, L.; HOBARCH, R.K; ANDRADE, A.; BADKE, M.R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. *R. B. Revista Brasileira de Biociências*, v. 11, n. 3, 2013.
- BERG, M. E. van den. *Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/PR-MCT/CNPq, 2. ed., 1993.
- BOOG, M. C. F. et al. Agricultores consomem frutas, verduras e legumes? Bases para ações educativas. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 85–97, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/1819>. Acesso em: 23 maio 2023.
- BRASIL, Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006: Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Disponível em: [https:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm). Acesso em: 18/05 /2023.

BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. Instrução Normativa nº 06, de 23 de setembro de 2008. Lista Nacional das Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção. Diário Oficial da União, v. 185, p. 75-83. 2008.

CARPENTIERI-PÍPOLO, V. et al. Avaliação de cultivares de milho crioulo em sistema de baixo nível tecnológico. *Acta Scientiarum Agronomy*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 229-233, 2010.

CATALOGUE OF LIFE. Catalogue of life: 2015 annual checklist. Disponível em: <http://www.catalogueoflife.org/annual-checklist/2015/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

DATAPLAMT. Base de dados bibliográfica sobre uso tradicional das plantas brasileiras. Belo Horizonte, 2025. Disponível em: www.dataplamt.org.br. Acesso em: 25 nov. 2025.

FAPESP. Agência Fapesp. O futuro incerto da palmeira juçara. 2017. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/paraitatiaia/images/stories/o-que-fazemos/Ag%C3%Aancia_FAPESP___O_futuro_incerto_do_palmito_ju%C3%A7ara.pdf. Acesso em: 12/ 04/ 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEYER, L.; QUADROS, K. E.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, SC. *Revista Brasileira de Biociências*, v. 10, n. 3, p. 258, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/115566>. Acesso em: 13 fev. 2023.

NETO, L. A. G.; GOMES, F. T. L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Oliveira Fortes - MG. *Perspectivas Online: Biológicas & Saúde*. v.8, n.27, p.1-17, 2018.

OGLIARI, J. B.; ALVES, A. C. Manejo e uso de variedades de milho como estratégia de conservação em Anchietá. In: DE BOEF, W. S. et al. (Orgs.). *Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 226–234.

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.14, n.2, p.311-320, 2012.

PEDROSA, R. A. A importância dos quintais produtivos na economia familiar. NEDET /UFGD.Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial- Território Vale do Ivinhe- ma/MS, Agroecol, 2016. Disponível em: <https://www.cpaembrapa.br/cds/agroecol2016/PDF's/Minicurso.Oficinas/Minicurso-%20Rosangela%20Pedrosa-%20QUINTAIS%20PRODUTIVOS.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2023.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA. *Acta Botanica Brasilica*, v. 20, n. 4, p. 751–762, 2006.

REZENDE-SILVA, S.; BURGOS, R.; MARIANO, N. F. Territorialidade quilombola nas florestas atlânticas: uma concepção integradora de território a partir da memória. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, número especial EGAL, 2011.

SÁNCHEZ, M. C. Defining environmental management units based upon integrated socio-economic and biophysical indicators at the Pacific coast of México. *Interciencia*, v. 35, n. 1, 2010.

SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. *Gaia Scientia*, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/33196>. Acesso em: 16 fev. 2023.

TROPICOS.ORG – Missouri Botanical Garden. Disponível em: <https://www.tropicos.org/home>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TUXILL J, NABHAN GP. Plantas, comunidades y áreas protegidas: una guía para el manejo in situ. Pueblos y plantas. Manual de conservacion. Montevideú: Editora Nordan Comunidad. 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. Banco de Plantas Medicinais. Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/banco-de-plantas/>. Acesso em: 25 nov. 2025.